

“Escrever é algo que vai além de mim, foge de minha própria vontade, é como se existisse uma exigência dentro de minha alma, uma força que me impulsiona. Das muitas vezes que tentei desistir, por achar que seria tudo em vão, algo dentro do meu coração, me implorava para voltar, e lá estava eu, sentado em frente ao computador. Assim sou eu. Enquanto o sangue correr por cada centímetro de minhas veias e meu coração bater intensamente ao começar uma nova história, enquanto minha inspiração e imaginação me levar por caminhos obscuros de minha mente, irei continuar, sempre no intuito de causar emoções, risos e lágrimas aos leitores, e até mesmo arrepios, por que não? Sendo essa a melhor e sincera forma de me descrever.”

Jailson Ribeiro

SINÓPSE

De repente Charles percebe que, de sem sentido, sua vida não tem nada. Está à beira da loucura a um passo de desistir de tudo o que o envolve. Mas tudo muda quando descobre sua importância, ao menos para uma cidade em especial, chamada de Solitários. Ele então decide entrar em uma jornada para encontrar essa cidade, e por fim, liberta-los de uma maldição que já perdura quase 400 anos. Não será fácil desvendar os mistérios que envolvem essa cidade, primeiro será necessário libertar os fantasmas que habitam sua mente conturbada, para depois descobrir como acabar com os que habitam essa misteriosa cidade. Assim sendo, sejam todos BEM-VINDOS A SOLITÁRIOS.

ÍNDICE

1-HORA DE MORRER CHARLES.....	PAG.06
2-AROMA DE ROSAS.....	PAG.23
3-MORRER AINDA SERIA MELHOR, CHARLES.....	PAG.43
4-RACHEL.....	PAG.61
5-O RETORNO DO MONSTRO.....	PAG.80
6-QUATROCENTOS ANOS ANTES.....	PAG.92
7-BICO DE GRALHA.....	PAG.111
8-POUCAS, MAS IMPORTANTES DESCOBERTAS..	PAG125
9-FLORESTA A DENTRO.....	PAG.139
10 – SEJA BEM-VINDO CHARLES.....	PAG.161
11 – A PEDRA SACRAMENTADA.....	PAG.179



1

**HORA DE MORRER
CHARLES**

Talvez conseguisse saltar as barreiras do tempo, e buscar no infinito, alguma forma de encontrar a paz, que tanto vinha procurando, deixar-se levar pelos caminhos desconhecidos, mesmo que estes caminhos, pudessem simplesmente não o levar a lugar algum.

O surpreendente, era não saber das coisas, e quanto mais estudasse, mais era incapaz de compreender, as simples questões da existência humana, e isto estava o levando à loucura. Não que ser louco, seja totalmente algo ruim, neste mundo cão, ser louco pode ser uma válvula de escape, para as coisas que não são compreendidas. Nada disso fazia sentido, e estes pensamentos conturbados, o levavam a pensar que, não tinha mais nada a perder, que tudo estava acabado, era o fim. A vida não lhe pertencia mais, de certa forma, talvez nunca houvesse lhe pertencido, pois viver de regras, não faz de ninguém, dono de sua própria vida, dono de seus domínios e pensamentos. Acordar de madrugada, para ir trabalhar, ter horário para entrar e sair. Quem acha que isso é ser livre é muito mais louco, que qualquer louco. Nem os pássaros são realmente livres, estão sempre à mercê de seus predadores, prontos para atacá-los a qualquer momento.

“Comigo não é diferente - pensava ele – tenho contas para pagar, os cobradores são meus

predadores, prontos para arrancar, até o ultimo tostão do meu suor”.

Olhando para cima, deitado no gramado de um parque qualquer, apoiando sua tão conturbada cabeça com as mãos, deixando que algumas gotas de lágrimas, pequenas gotas, caíssem. Por alguns momentos, dar um leve sorriso maroto, lembrando alguma das poucas vezes em que foi feliz. Tudo aquilo passava, como cometas em sua mente.

—Estou decidido! – disse em voz alta levantando-se rapidamente – quero morrer!

Foi ao estacionamento.

Gostaria de estar indo buscar um belo carro, porém tudo o que tinha, era uma bicicleta surrada, que ganhou em uma rifa, há alguns anos - ao menos uma vez teve sorte.

Pensava de várias formas, como iria acabar com a vida.

Seria veneno de rato?

Quem sabe se jogar de uma ponte?

Era covarde demais para isso.

Dar um tiro na cabeça? Jamais seria tão ousado. Na realidade, sentiu que não tinha competência, nem para acabar com a própria vida.

Quando saía do parque, um ônibus passou ao seu lado em alta velocidade, por questão de alguns centímetros, quase o atropelou, no entanto com um reflexo, que

nem sabia que tinha, conseguiu desviar. Uma atitude nada promissora, para quem estava tentando se matar. Deu novamente um sorriso irônico.

“— MERDA!” – disse em voz baixa segurando o guidão da bicicleta, com os pés apoiados no chão.

Respirou fundo e voltou a pedalar.

A ideia de se matar perambulava pela mente, cada vez mais forte.

O tempo fechou, estava ainda longe de casa, demoraria cerca de meia hora para chegar, era certo que tomaria um banho de chuva.

“Que bom! – pensou - Quem sabe uma gripe forte me mate de pneumonia, facilitaria muito”.

O fato é que, quanto mais desejamos algo, parece que de propósito, não acontece. Era óbvio que não pegaria uma gripe, e muito menos, morreria de pneumonia. Poucas vezes a vida nos dá o que queremos.

Como se previa, começa a chover, mas isso não fez com que ele aumentasse os passos, pedalava tranquilamente, sem pressa, deixava que os pingos de chuva corressem pelo seu corpo magro e cansado. Os carros passavam por ele, em alta velocidade, faltou coragem para que ele se jogasse na frente de um deles, por várias vezes pensou na hipótese. Mas era covarde demais para isso também.

Era quase noite, quando chegou ao conjunto habitacional, com três prédios enfileirados, um de costas para o outro, morava no prédio do meio. Eram prédios surrados pelo tempo, com manchas de lodo, em toda sua extensão. Nas paredes era impossível identificar a cor. A sensação era de total abandono. A impressão que se tinha, era que ninguém morava ali, quando na verdade, todos os apartamentos, eram habitados, porém por pessoas humildes.

Ainda com a ideia fixa de acabar com a própria vida, Charles sobe as escadas lentamente, carregando sua bicicleta. A vontade que tinha era de deixar que o peso da bicicleta o emburrasse para trás fazendo com que ele caísse rolando pela escada. Este pensamento surgiu quando chegava ao quinto andar, faltavam ainda dois para chegar ao seu apartamento. Por outro lado, talvez isso não o matasse, ao contrário poderia lhe causar apenas algumas escoriações pelo corpo ou quebraria uma vértebra fazendo-o ficar paraplégico, e não era o que ele queria, ainda assim estaria vivo o que aumentaria o seu sofrimento.

Por dentro o prédio não era muito diferente, a pintura da parede descascando, em algumas partes, até mesmo o reboco, já não existia. Algumas lâmpadas queimadas e as que funcionavam, pareciam luzes de natal, eram fracas e ficavam piscando. Os degraus eram sujos e cheios de buracos. O cheiro era desagradável, provavelmente, algum cara do andar de cima, bebeu cerveja

demais e ficou com tanta vontade de urinar, que não segurou e urinou ali mesmo, fazendo uma pequena mancha na parede, que um dia foi branca. Ele parou em frente à mancha e ficou incrédulo diante do que via. Balançou a cabeça reprovando a atitude, de quem havia feito aquilo e continuou subindo. Detestava subir escadas, mas de que outra forma chegaria? Todas as vezes que subia aqueles degraus, ficava imaginando como seria bom se pudesse voar, já que não era rico e talvez nunca seria, para morar em um apartamento com elevador. Quanto mais pensava em quanto sua vida era desgraçada, mas a ideia de acabar com ela, perambulava cada vez mais forte em sua mente. A única coisa que o impedia de fazê-lo, até aquele momento, era a covardia.

Sétimo andar, Charles parou no corredor que dava acesso ao seu apartamento. Havia quatro apartamentos. Duas portas do lado esquerdo e outras duas do lado direito. Ele morava no primeiro do lado direito. Entre a porta do seu apartamento e a do vizinho tinha um vaso de planta pendurado, era uma samambaia de folhas já quase secas. Ele parou se recostou na parede, estava exausto, tinha sido uma subida e tanto, além de carregar a bicicleta, - o bicicletário não era de confiança, já que haviam roubado a bicicleta do vizinho, há alguns dias atrás - a roupa estava molhada, o que dificultou, ainda mais, a subida. Ao abrir a porta, sentiu um calafrio, que correu por todo seu corpo, uma brisa gelada o envolveu, sentia a presença de alguém, mesmo sabendo que estava sozinho. Viu um vulto próximo a janela da sala. Porém

acreditava ser apenas sua imaginação, pois já estava há muito tempo, morando sozinho. O que viu na verdade foi a gota de chuva que escorriam pela janela, e davam a impressão, de ser o rosto de alguém. O cheiro do apartamento era horrível.

Acendeu a luz, e viu de onde estava vindo o cheiro, dois pedaços de pizza de muçarela, estavam em uma caixa sobre a mesa de centro. Ambos com mordidas, uma mordida ele identificou como sua, a outra certamente era de um rato. Roupas jogadas em cima do sofá, que estava com vários buracos, deixando as espumas amareladas expostas. O piso que deveria ser branco, já estava cheio de manchas por todos os lados. Na estante uma televisão, ainda em preto e branco e algumas fotos de quando ainda era criança, entretanto, o que mais se destacava, era um vaso com uma rosa já murcha. Rosa essa, que tinha recolhido no jardim do prédio, e dado a sua mãe no dia das mães. A sala era pequena, típica de apartamento, como todos os outros cômodos, também não eram grandes. A porta da direita, bem ao lado da porta de entrada, dava para cozinha. Mais à frente, um corredor, que dava acesso aos quartos, - havia dois - e ao banheiro. Para todos os lados, que seus olhos alcançavam, o que via era mais e mais sujeira. Além do cheiro da pizza podre, vinha também o cheiro ruim da cozinha, que estava com a louça suja, há vários dias; sem contar que exalava por todo o apartamento, o cheiro do banheiro, dando a impressão, de que se tratava de um banheiro público.

Afinal, para que limpar tudo? Logo mais estaria morto.

Afastou algumas peças de roupa, que estavam no sofá de três lugares. Deitou-se com a barriga para cima, sem nem se importar com fato, de que estava todo molhado. Apoiou a cabeça no braço direito, enquanto o esquerdo, ficou sobre a barriga.

— *Vou deixar um bilhete!* – pensou – *Mas para quem?*

Estava sozinho.

No pequeno mercado onde trabalhava não tinha amigos. Chegava às sete horas da manhã, fazia tudo o que um ajudante tem que fazer; as quatorze horas ia embora. Muitos tentavam lhe puxar conversa, mas era inútil, não gostava muito de conversar. Falando de uma forma sarcástica, trabalhar naquele lugar era o sonho de sua vida. Ele se sentia um ninguém, talvez seja o seu maldito complexo de inferioridade.

— *Ela é a culpada, não me deixava viver!* – Mais um pensamento viajando em sua mente confusa.

Talvez realmente a culpa fosse dela, sempre tentando protegê-lo do mundo. Mas proteger do que? E o que adiantou? Se agora ele estava sozinho, e não sabia se proteger, mesmo sem saber do que ela tanto o protegia.

Mal o deixava sair de casa, e quando saía era sempre sobre supervisão.

Por que nunca pôde ir à escola como os garotos normais?

Aprendeu a ler em casa, e mais uma vez estava sempre sendo supervisionado por ela. Não tinha o hábito de ficar sozinho, mas agora era o que lhe restava até o momento do suspiro final

Pela primeira vez na vida estava tomando uma decisão por conta própria, sem que ninguém pudesse julgá-lo por isso, afinal para viver daquela forma era melhor não viver. Mesmo que alguém julgasse sua atitude, isso pouco importaria, pois não seria a primeira vez e não estaria lá para presenciar.

Seus olhos lacrimejaram quando se lembrou da mãe. Não conseguiu evitar por muito tempo e uma lágrima caiu. Mesmo ela tendo cometido tantos erros, mesmo que ela tenha feito de sua vida uma prisão interminável, ele a amava. Amava até mesmo de uma forma inexplicável. Como se assim fosse um masoquista. Apanhava e era um prisioneiro, mas a amava, era um amor capaz de perdoar, e chorar por ele.

Na época da escravidão jamais um escravo choraria a morte de um senhor feudal cruel e tirano. Mas ele chorou a morte da mãe que diante de tais atitudes mesmo que para protegê-lo, muito lembravam esses senhores. Só não sabia se suas lágrimas eram de amor ou eram medo da solidão. Medo de encarar o mundo que não conhecia, o mundo real. Medo da nova prisão que agora estava vivendo, preso em seus pensamentos tortos

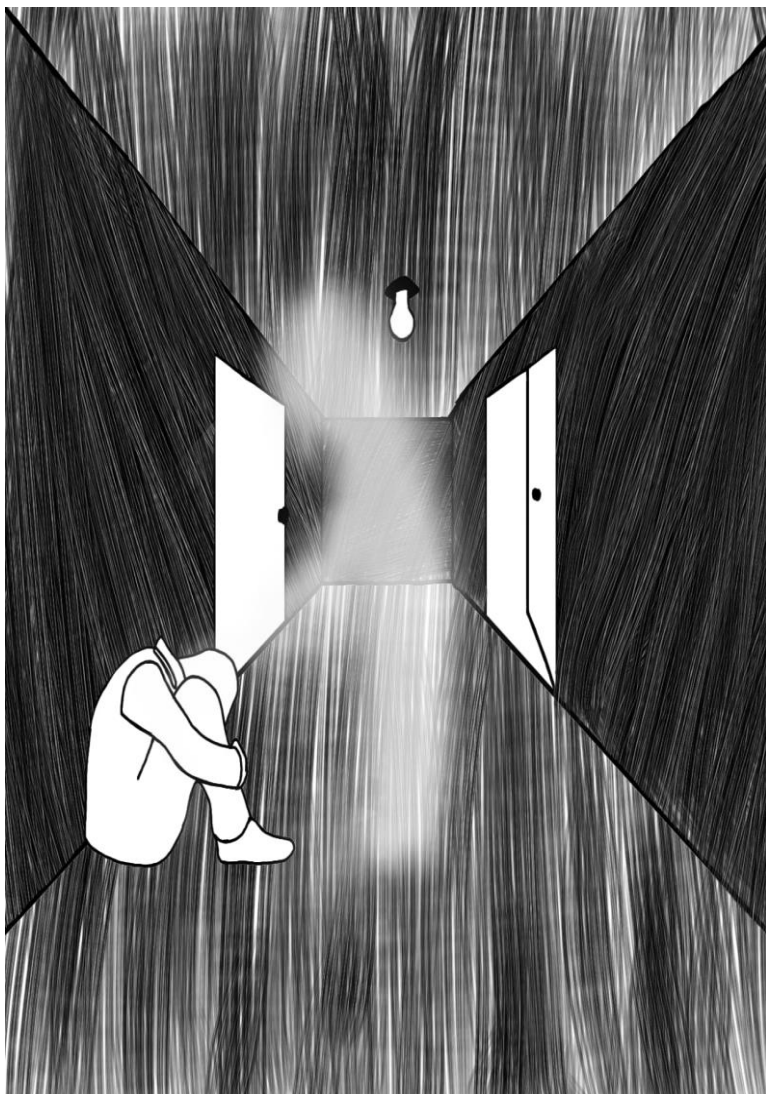
e confusos, cheios de dúvidas e repletos de escuridão, uma escuridão sem fim, sem nem ao menos enxergar uma luz ao fim do túnel. Medo da vida longe de uma TV e revistas em quadrinhos, com pessoas de verdade para lhe julgarem por qualquer atitude, até mesmo quando estava certo. Medo das várias perguntas sem respostas. O mesmo medo que estava determinando o instante entre a vida e a morte, a decisão já havia tomado, porém o medo, mesmo que simplório, ainda o impedia.

A claridade do dia já havia se dissipado por completo. Levantou-se foi até a cozinha. Pegou um copo e somente passou ligeiramente por debaixo da torneira, deu algumas voltas na água que estava dentro e chacoalhou. Pronto estava limpo. Foi até a geladeira pegou o leite, despejou dentro do copo, porém uma camada grossa e fedorenta saiu da caixa. O leite estava coalhado.

— Só me faltava essa! — disse irritado. — Queria ao menos tomar um copo de leite antes de morrer.

O copo com leite coalhado e a caixa, ficaram sobre a mesa junto com um saco de pão vazio, e migalhas que espalhavam pela suja toalha de plástico colorida, com listras em vertical azul, brancas e vermelhas.

Era o fim, aquilo tinha que acabar.



Ouviu um barulho, algo como se fosse alguém gritando. Tomou um susto que quase congelou. Depois viu um vulto correndo na sala. A cadeira de balanço da mãe começou a ranger. Desde que morrera a casa ainda permanecia do jeito que tinha deixado. Um novelo de lã que estava na cadeira caiu. Ele estava estático parado entre os batentes da porta da cozinha. O novelo vermelho veio em sua direção desenrolando os fios, até parar em seu pé. Olhava de um lado para outro, a solidão estava lhe causando loucura e alucinações. Ou aquilo que estava vendo era real?

Sua respiração estava ofegante. Se tivesse um aparelho para medir os batimentos cardíacos, naquele momento o aparelho se quebraria em pedaços, pois sentia o coração quase sair pela boca. Tentava se mover, mas se mantinha estático, como se ao se mover fosse despertar as coisas obscuras de sua imaginação fértil. Respirou fundo. Deu o primeiro passo, olhou um lado depois o outro, como se fosse atravessar uma rodovia. Deu um segundo passo. Um terceiro, até estar no corredor que levaria aos quartos. Voltou a chover forte, agora uma chuva intensa caía. Pedras de granizo batiam na janela da sala, dando a impressão que o vidro se quebraria a qualquer momento. O corredor estava escuro, ele prometeu a mãe que trocaria a lâmpada, mas não cumpriu. À medida que ia se aproximando do quarto da mãe, a passos ainda lentos e pernas tremulas, viu que a porta estava entre aberta, à luz estava acesa, porém não se lembrava de ter deixado assim. Quando chegou bem perto a

luz se apagou. Segundos depois acendeu novamente. Voltou a apagar, ele parou e ficou olhando pela fresta da porta o mesmo movimento. Acende e apaga, acende e apaga. Calafrios corriam pelo corpo, do dedo do pé até o fio de cabelo. Com um medo incontrolável, Charles sentou-se no chão encostando-se à parede, baixou a cabeça abraçou as pernas e se escondeu, tentando se desligar de tudo aquilo que o assustava. Não via mais o acender e apagar só ouvia o barulho do interruptor. Click, Clack, Click, Clack, Click, Clack.

Alguns minutos depois, o silêncio voltou a predominar, mas permaneceu de cabeça baixa, tentando entender os últimos acontecimentos de insanidade e loucura. Não queria ter medo, pois sabia que iria morrer em alguns instantes, já tinha decidido. Logo seria um espírito vagando naquele apartamento. Logo faria companhia a sua mãe. Permanecia de cabeça baixa, quando sentiu bem a sua frente à presença de alguém, aquilo não fazia movimento algum, parou e ficou em sua frente. Ele se recusou a levantar a cabeça, mas sabia que tinha alguém em sua frente, sentia um perfume de rosas envolverem o ambiente. A curiosidade superou o medo e levantou a cabeça, olhou de um lado para outro e não viu nada, nem ouvia nada além da chuva. O aroma de rosas havia ido embora, o velho cheiro de coisa podre estava de volta. A luz do quarto estava apagada, a escuridão era absoluta. Aos poucos sua respiração foi voltando ao normal. Ele estava confuso, em sua mente um turbilhão de perguntas sem respostas. Foi para seu quarto, abriu a

porta com cautela, ainda tinha receio de encontrar algo ou alguém que certamente não gostaria de ver.

— *O que é isso Charles?! Anda vendo muitos filmes de terror! — pensou.*

Acendeu a luz, tinha a impressão que veria algum ser de outro mundo, assim que a luz acendesse, mas tudo que viu foi uma bagunça ainda maior do que via no resto da casa. O quarto pequeno com uma cama de solteiro que não era arrumada há vários dias, um guarda-roupa de quatro portas com uma das portas pendurada, um pôster gigante de uma mulher seminua. E ao lado uma prateleira com alguns carrinhos de brinquedo. A luz do quarto era fraca, não conseguia se sobressair à cor escura das paredes pintadas de preto. Em sua frente uma porta-balcão que daria para uma sacada. Ele se aproximou e abriu a porta. Já estava bem mais calmo. Talvez tudo aquilo não tenha passado de uma brincadeira de sua imaginação. Talvez o fato de estar sozinho abrisse sua imaginação de modo que buscava a companhia de alguém mesmo que esse alguém fosse de outro mundo outra espécie de ser.

Tentava controlar seus pensamentos para não se deixar levar por tudo aquilo que havia o perturbado por alguns instantes. Mas ao mesmo tempo poderia ser sua mãe tentando impedi-lo de cometer o suicídio, algo que ele estava determinando a fazer. Nada poderia impedir, não tinha mais razão para continuar vivendo uma vida medíocre, e se Deus o havia dado à vida, essa de fato o pertencia, poderia fazer o que quisesse. O mais

interessante era que não sabia quem era Deus, poucas vezes tinha ouvido falar em algo parecido. Então de onde vieram estes pensamentos sobre Deus? Ele existia? E por que tinha lhe dado uma vida tão ruim e miserável?

A chuva continuava. Ele abriu a porta e ficou na sacada encostando-se ao parapeito, deixando que a chuva molhasse todo o corpo, ele fechava os olhos enquanto a água ia caindo em seu rosto. Olhava para o horizonte a sua frente como se tudo no mundo fosse um monte de nada sem a menor importância.

“Todas aquelas malditas pessoas com seus malditos problemas. Ainda existem aquelas, que se acham felizes, por terem um carro ou uma casa de luxo. Tudo não passa, de um grande vaso cheio de merda, bem fedorenta, mais fedorenta do que meu apartamento. Tudo não passa de um barriú cheio de ilusões. Alguns se atrevem a dizer que sou louco. Que não entendo nada, desse mundo que existe, do lado de fora do meu apartamento. Ela dominou minha vida inteira, mas desta vez, estou no comando e sei que está tentando me impedir, mas pela primeira vez eu decido... Dane-se!”

Ele sorriu levemente, colocou o pé direito no para peito. Tinha chegado à hora, em alguns minutos, tudo estaria acabado, nem mesmo assombrações, ou coisas de sua mente perturbada, poderiam impedi-lo, uma coragem assustadora, tinha envolvido todo seu corpo, era só se deixar jogar e voar, seria um voou de apenas alguns

segundos, um voo só de ida. Lá embaixo só o que restaria, era um corpo jovem, porém cansado. A calça jeans cheia de lama, e o All Star preto com detalhes brancos (o do pé esquerdo, que era um pouco mais folgado, que o outro, defeito de fábrica, que ele não quis reclamar) estaria em algum lugar, a alguns metros fora do pé. A camisa branca, com um desenho de uma mão, segurando uma foice, em suas costas, seria o detalhe, que mais chamaria a atenção dos curiosos, pois além da foice, abaixo estava escrito: “MORTE AOS FRACOS”, em vermelho, com detalhes de pingos de sangue escorrendo. A cabeça esfaляada em uma pedra, da qual ele já estava mirando lá de cima, para não correr o risco, de ficar vivo e parapléxico. A moça metida, do andar de cima, que nunca nem ao menos, lhe falou bom dia, estaria enojada, por estar vendo, uma cabeça esfaляada em uma pedra, com os miolos para fora, se perguntando:

— Porque alguém faria isso?

Mas ela não se importaria, era só mais um louco, que bebeu demais.

Todas as pessoas que o viam e o ignoravam. Ao menos uma vez, uma única vez, chamaria atenção, outras pessoas, além de sua mãe, saberiam que ele existia e que a partir daquele momento, não existiria mais. Só o que restaria era o pó, de uma vida medíocre.